

CELSO FOELKEL

Sonhos, projetos, realizações e decepções na Riocell

Em 1972, quando eu me mobilizava junto com minha esposa Lorena para irmos a Syracuse/NY/USA para meus estudos de pós-graduação em celulose e papel, eu ouvi pela primeira vez a palavra Borregaard, a fábrica de capital norueguês que estava sendo construída em Guaíba/RS. Logo eu percebi que havia acertado na mosca com a decisão de escolher o setor de celulose e papel para minha carreira profissional. O Brasil estava começando a atrair investimentos externos para esse campo industrial. Falava-se que a fábrica em Guaíba seria moderna, pois teria um completo sistema de recuperação kraft e até mesmo um digestor contínuo Kamyrr, em aço inox. Mais ainda, comentava-se que a fábrica produziria celulose para fazer papel e celulose solúvel, algo inusitado para muitos técnicos na época, que acreditavam se tratar de “algum tipo de celulose na forma de xarope”.

Quando retornei dos USA, em agosto de 1973, com meus diplomas de conclusão de curso já no prelo e com a família aumentada (nossa filha Alessandra nasceu lá em 1972), fui surpreendido com as notícias de que a moderna fábrica estava dando muitos problemas ao setor, pois ela tornara visível para a sociedade

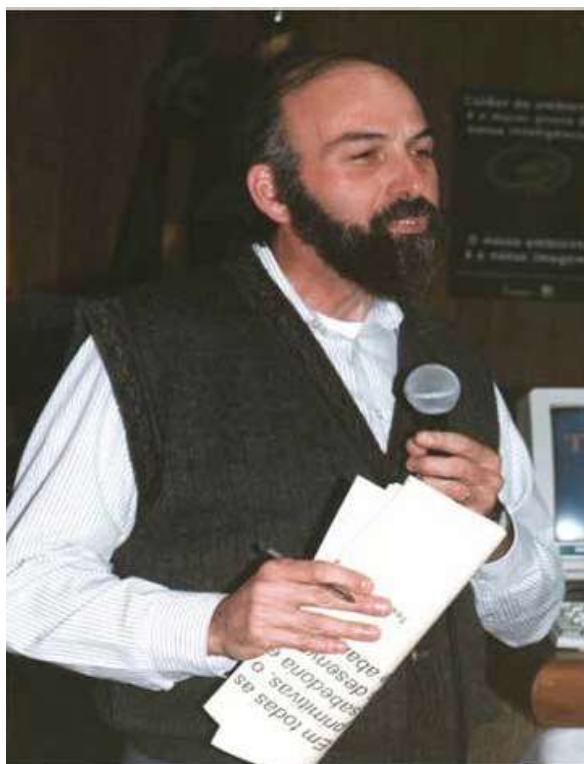
as nossas fragilidades ambientais daquela época. O repúdio da população gaúcha à fábrica era tema dos jornais, rádio e televisão, com palavras e ações agressivas da mídia, das comunidades e dos ambientalistas. E isso acabou explodindo em ações políticas como o caso do fechamento da fábrica por três meses e em outros movimentos ambientais contra fábricas de celulose e papel em alguns estados do País.

Essa situação perdurou por alguns anos. Recordo-me que no final dos anos 70, quando íamos aos congressos/convenções da ABTCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, na época ainda apenas ABCP, apareciam alguns trabalhos apresentados por profissionais da Borregaard como Antônio Waldomiro Petrik, José Vilton Marengo, Pedro Paulo Barth, Antônio de Lisboa Mello e Freitas, Geraldo Speltz, Francisco Moreira e outros mais. Apesar de mostrarem resultados de novas tecnologias florestais, industriais e ambientais que sequer eram usadas no Brasil (queimador cativo para gases não condensáveis da evaporação, oxidação do licor preto, oxidação da lama de cal, condições de queima na caldeira e forno de cal para mínimas emissões, etc.), eles

eram olhados com desconfiança pelas plateias. Isso porque esses investimentos não reduziam a ira dos contrários à fábrica e criavam constrangimentos às outras fábricas brasileiras que não adotavam esses procedimentos técnicos.

Em 1975, quando fui apresentar em congresso da ABCP um resumo de minha tese realizada nos USA, sentou-se ao meu lado, pouco antes de eu ser chamado para o palco, nada mais nada menos que nosso grande e saudoso Aldo Sani. Ele se apresentou, pois eu ainda não o conhecia, dizendo que tinha vindo até a sala especialmente para me conhecer e assistir minha apresentação. Sequer imaginei naquele dia que a partir de 1976 ele passaria a ser um dos alavancadores diretos de minha carreira e de muitos de meus projetos que eu tinha criado para por em prática no e para o Brasil.

Entre 1976 a 1979, trabalhei na CENIBRA – Celulose Nipo-Brasileira, convidado pelo Aldo. Aprendi a gostar e admirar o estilo franco e o apoio



Foelkel em ação de difusão de conhecimentos

à liberdade de trabalho e de expressão com que ele conduzia o pessoal. Com uma equipe bastante coesa e orientada à inovação, qualidade e meio ambiente, conseguimos realizar muitos projetos para a fábrica da CENIBRA e para o Brasil, graças às publicações de estudos e à criação do curso de pós-graduação em celulose e papel na Universidade Federal de Viçosa, a partir de 1977 – com total apoio da CENIBRA e de outras empresas do grupo Vale do Rio Doce.

Com a saída do Aldo para a Riocell em 1978 e o seu convite a mim para alguns desafios audaciosos nessa fábrica que sucedia a Borregaard, não resisti ao convite para me mudar para Guaíba. Havia desafios para toda a equipe Riocell, pois a empresa precisava crescer, modernizar, faturar e poder assim sobreviver.

Para minha área e de forma integrada ao todo da empresa, eram oito os desafios que foram consensuados comigo e com Alfred Freund, Werner Adelman e Aldo Sani para a geração de minha nova posição na Riocell, quando recebido o convite em 1979:

1. Desenvolver e aperfeiçoar tecnologias e aumentar o nível de conhecimentos sobre a produção de celuloses dos tipos para papel e para dissolução (polpa solúvel) a partir de madeiras de eucalipto e acácia negra;
2. Dar suporte técnico para a área comercial para colaborar na aceitação e crescimento do mercado das celuloses de fibra curta dos tipos papel e solúvel obtidas de eucaliptos;
3. Oferecer suporte técnico para promover a qualidade e a produtividade das florestas e das madeiras obtidas de espécies de Eucalyptus e Acacia;
4. Ajudar na minimização dos problemas ambientais da fábrica, através de novas tecnologias, otimização das operações industriais e conscientização do pessoal da empresa e das comunidades;

5. Desenvolver argumentação técnica capaz de ajudar nas explicações dos problemas e soluções ambientais da empresa, trabalhando em sintonia com a área de relações públicas;

6. Coordenar a formação de uma CIMA (Comissão Interna do Meio Ambiente) na Riocell, a exemplo da que fora criada e operava com sucesso na CENIBRA, graças à inovatividade do amigo Hans-Jürgen Kleine;

7. Colaborar no desenho do projeto, implantação e obtenção de recursos públicos subsidiados (FINEP e fundos setoriais de apoio à inovação) para a construção e operação de um dos mais bem equipados Centros Tecnológicos do setor de celulose e papel tanto do Brasil como internacionalmente. Conseguimos um excelente financiamento (carência de 7 anos e correção monetária bem baixa) correspondente a mais de um milhão de dólares junto à FINEP com intermediação do BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. A Riocell colocou mais um milhão de dólares e passamos a ter um centro tecnológico ímpar e admirado globalmente.

8. Cooperar na formação e qualificação de recursos humanos técnicos para a empresa e para a sociedade brasileira. Para essa finalidade, foram priorizados treinamentos técnicos internos (cursos e palestras) na empresa e cursos externos de formação profissional (curso técnico de celulose e papel “Gomes Jardim”) e de apoio à pós-graduação (cursos na USP – Universidade de São Paulo, na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, etc.).

A liberdade de ação e divulgação mais o entusiasmo eram forças motrizes poderosas para que as coisas acontecessem,

mesmo com as dificuldades financeiras que a empresa enfrentou entre 1980 a 1983, período do “projeto do branqueamento” e complementação tecnológica da antiga fábrica da Borregaard.

No início, tive diversas dificuldades de integrar-me com alguns setores ou pessoas da empresa, por diversas razões: por ser paulista, por ter e usar minha liberdade de atuação profissional, por ter trazido alguns profissionais jovens (ex-alunos) de outras regiões para a empresa e por ter uma filosofia que não seguia muito a hierarquia e burocracia que vinha da época do Montepio da Família Militar, onde era comum que as secretárias fizessem memorandos com oito cópias nas suas máquinas de datilografia.

Outras lendas internas surgiram sobre minha posição e até salário, que criaram alguns constrangimentos com outros gerentes. Relíquias de um passado que já passou e que navegou entre muitas conquistas e algumas decepções.

Por outro lado, a cultura e paisagens gaúchas eram maravilhosas e compensavam as dificuldades iniciais em mudar para uma fábrica em estágio tecnológico mais atrasado em relação à CENIBRA e em ter deixado o curso que criáramos na UFV, mas com apoio para criar outros, como aconteceu. Nossa integração foi favorecida pelo nascimento da Ester em outubro de 1979, uma filha gaúcha para consolidar a família nesse novo estado.

Apesar das dificuldades iniciais, conseguimos aos poucos nos integrar com bastante sucesso com as áreas operacionais da fábrica, com o grupo comercial e com a área florestal. Também com as áreas de treinamento e de relações com a comunidade. Juntos, procuramos fortalecer os conhecimentos tecnológicos

“A Riocell colocou mais um milhão de dólares e passamos a ter um centro tecnológico ímpar e admirado globalmente.”

da empresa e com artigos em revistas e palestras em eventos fomos dando uma imagem forte de qualificação tecnológica para toda a Riocell. Houve até uma situação inusitada em que a ABTCP decidiu mudar a regra das premiações para trabalhos técnicos dos congressos, dando apenas um prêmio por empresa para evitar que a Riocell levasse todos os prêmios nesses eventos da associação. Passamos a parcerizar com as universidades, institutos, clientes, fornecedores e a ampliar a nossa rede tecnológica. Houve um momento em que o nome Riocell passou a ser sinônimo de qualidade em produtos e processos industriais e florestais. Além disso, nossos índices ambientais chegaram a virar referência global e até mesmo alguns técnicos da EPA – Environmental Protection Agency dos Estados Unidos da América vieram conferir se o que nós publicávamos e apresentávamos em palestras pelo mundo eram reais. Através da confirmação, passaram a ser mais rigorosos em seus limites ambientais naquele país, pois viram que o lá alardeado impossível era sim possível na Riocell.

A política de abertura de portas praticada para o público setorial e para a sociedade como um todo criou uma filosofia fantástica de compartilhar conhecimentos ao invés de fechamento como acontecia em outras empresas do setor no Brasil e no mundo. Talvez, por isso e por outros predicados de muitas das áreas e pessoas da empresa foi que a imagem da Riocell foi mudando e chegando a um patamar bastante aceitável para quem tinha sido odiada por muitos alguns poucos anos antes.

“Houve um momento em que o nome Riocell passou a ser sinônimo de qualidade em produtos e processos industriais e florestais.”

Trabalhei na Riocell de sete de agosto de 1979 até o final maio de 1998, cerca de 19 anos de atividades intensas, criativas e recompensadoras em relação aos meus projetos profissionais, que se aderiam bastante com a cultura e políticas da empresa. Entretanto, nos últimos anos em que lá estive como diretor, com as dificuldades de expansão de capacidade e de modernização da empresa, passaram a serem adotadas políticas reducionistas que eram em oposição à filosofia desenvolvimentista que estávamos acostumados. Olhar o futuro com otimismo foi sendo substituído por outras visões não tão animadoras.

O mundo mudara na empresa e para a empresa. Mas a minha vontade de continuar abraçando o mundo e ajudar o setor brasileiro de base florestal e as pessoas desse setor continuavam firmes e fortes como sempre foram, são e serão. Por isso minha opção em 1998 de levar uma vida profissional adotando meu próprio sobrenome e não mais o de uma empresa onde fosse empregado. Também sonhava em produzir outras rotas de disseminação do conhecimento setorial para o bem comum, como foram as criações de meus dois websites e forte presença em associações técnicas setoriais globais e nacionais.

Da Riocell guardo muitas lembranças magníficas (e outras nem tanto), cada uma delas envolvendo pessoas, amigos e até algumas que sequer vim a conhecer pessoalmente. Essas pessoas que fizeram e muitas ainda fazem parte dessa minha extensa rede de milhares de amigos profissionais (presenciais e virtuais) estiveram e estão representadas desde a Noruega e do Rio Grande do

Sul até muitas outras partes do Brasil e do mundo, através de nossas raízes técnicas que sempre cresceram vigorosas e tentam se manter assim até hoje.

Enfim, a Riocell, da mesma forma que a ESALQ, UFV, UFSM, CENIBRA, ABTCP, TAPPI, Fibria, VCP, Suzano, Bacell e tantas outras organizações em que estive atuando, todas tiveram papel fundamental em colaborar para a consolidação do modelo de produção e exportação de celulose de mercado de fibra curta obtida de florestas de rápido crescimento de eucalipto. Uma riqueza brasileira admirada pelo mundo. Apenas para finalizar, eu lembraria a vocês que a primeira celulose brasileira desse modelo exportador para o

hemisfério norte e Ásia foi produzida como polpa kraft marrom e não depurada no Brasil pela Borregaard/Guaíba em fardos de secador “flash”, exportado tal qual e sem capas para Sarpsborg na Noruega para ser depurada e branqueada pela Borregaard norueguesa e depois comercializada com o nome de Unicell nos mercados europeus.

Uma rica história para não ser esquecida. A vida sem história é algo volátil, sem sustentação e sem alicerces para fortalecer o desenvolvimento em direção aos futuros promissores. Por isso mesmo, vamos em frente com o nosso Brasil florestal com a robustez que conseguimos desde o nosso passado até os dias de hoje.



Borregaard

Guaíba

50 ANOS | 1972-2022

FATOS E RELATOS PESSOAIS

